

GRAMA TAMBÉM É CULTURA. AGRÍCOLA.

Um dos pioneiros do cultivo conta uma história bem sucedida que dura 21 anos.

ROBERTO NICOLATO

Ele é o maior produtor de grama do Sul do País. Antônio Vani Gabardo já fez de tudo um pouco. Foi dono de bar, viajante, produtor de batata e ameixa. Começou a plantar grama há 21 anos, quando a atividade era pouco conhecida e quase ninguém se arriscava a entrar no ramo. Com dedicação e muito trabalho, conseguiu criar a família - são seis filhos - e ganhar um bom dinheiro. Só não deu para ficar milionário como o deputado que justificou o plantio de grama como causa de seu enriquecimento junto à CPI do Orçamento.

"Sem estrutura e tecnologia os aventureiros acabam vendendo barato para sair do sufoco."

A situação econômica de seu Gabardo já esteve melhor. Ele chegou a produzir grama em 130 alqueires em Curitiba. A Grameira dele funcionou com 13 tratores para cortar, compactar, pulverizar e fazer a colheita.

Mas por causa da crise no setor, ele teve que vender quatro máquinas. As dificuldades começaram com o Plano Collor e depois que 100 alqueires onde produzia grama foram desapropriados pela Prefeitura de Curitiba para dar lugar a um grande loteamento de casas populares, o chamado Bairro Novo.

Na ponta do lápis o que pesou mesmo, segundo ele, foi a redução nas vendas - causada pela queda do poder aquisitivo do consumidor - e a entrada no setor do que ele chama de aventureiros. São pequenos produtores que sem estrutura e tecnologia não conseguem produzir com qualidade e chegam a vender a grama pela metade do preço. "A maior parte dos produtores produzia principalmente batata. A situação estava ruim e eles resolveram mudar de ramo. Só que sem estrutura e tecnologia, os pequenos acabam vendendo barato para sair do sufoco", salienta.

"A saída é produzir mais e melhor com menos custos"

Depois que perdeu a área no bairro Novo, seu

Gabardo arrendou mais 30 alqueires que, somados aos 20 que ele tinha no bairro Umbará (de colonização italiana), totalizam cerca de 50 alqueires, ou 170 campos de futebol. Ali são produzidos dois tipos de grama: Esmeralda e São Carlos. A variedade Esmeralda representa 30% da área plantada. É uma grama mais fina e muito resistente, usada para jardins e campo de futebol. É mais cara que a variedade São Carlos, que é menos resistente e precisa de mais tratamentos culturais.

A produção é vendida para mais de 50

Fotos de Krow Penos



O trator é usado para compactar o solo.

clientes (floriculturas e firmas construtoras) em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Do plantio à colheita são utilizados 60 empregados (25 são fixos e 35 temporários). A produção de grama em larga escala exige tecnologia.

REAÇÃO NOS PREÇOS

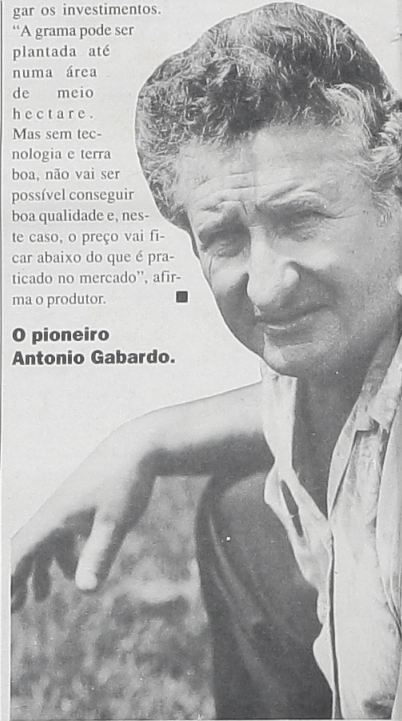
O preço da grama teve uma queda significativa durante o ano de 1993. A reação só veio nos meses de novembro e dezembro - com aumentos de 30 a 35%, respectivamente. No mês passado o metro quadrado da variedade Esmeralda foi vendido a CR\$ 240,00. "O preço agora está remunerando a atividade. Mas esteve melhor. Em janeiro do ano passado chegou a um dólar, menos 5%", lembra Antônio Gabardo.

Com menos espaço para produzir grama, o seu Gabardo afirma que a saída é produzir mais e melhor com menos custos. Ele acredita que depois de três anos de dificuldades o setor vai se recuperar no ano que vem e espera conseguir bons preços entre os meses de janeiro a junho, que é o período da entressafra. Ele também está convicto de que é preciso também atuar em outras áreas. Tanto que há cinco anos começou a plantar erva-mate no sítio que tem em Tijucas do Sul (PR).

E para quem está interessado em entrar na atividade? Ressabiado pela crise, o produtor afirma que o negócio só dá certo com a produção numa área acima de 10 alqueires. Mesmo assim, nos primeiros anos ele vai pa-

gar os investimentos. "A grama pode ser plantada até numa área de meio hectare. Mas sem tecnologia e terra boa, não vai ser possível conseguir boa qualidade e, neste caso, o preço vai ficar abaixo do que é praticado no mercado", afirma o produtor.

O pioneiro Antonio Gabardo.



A produção exige muitos cuidados

O plantio da grama pode ser feito durante todo ano. Assim, o produtor vai ter estoque para estar sempre atendendo a demanda do mercado. A terra é preparada com calcário, fósforo e adubo. Na Grameira Gabardo, o plantio é feito manualmente. Os empregados usam enxada para fazer as covas, adubando cada uma delas - em média é usado um saco de 50 quilos para 700 m² - antes de colocar as mudas. O espaçamento entre as covas é de 40 x 40 e são plantadas touceirinhas de 10cm x 10cm de diâmetro.

Depois que é feito o plantio, seu Gabardo passa o trator com rolo compressor em toda a área para compactar o solo. Este trabalho é importante para que não haja erosão e incidência de ervas daninhas na plantação. Se a época for de estiagem, são usados tratores com tanques para molhar a plantação. São seis meses entre o preparo do solo e o fim do plantio. Depois disso, ainda é preciso esperar mais um ano para arrancar e comercializar a grama.

O interessante é que a grama só é replantada a cada três anos. Neste caso, depois de retirada a produção, uma amostra do solo é levada para análise em laboratório. Com o resultado em mãos, o agrônomo da empresa sabe o que é preciso ser corrigido para que a terra pos-

sa continuar produzindo grama de qualidade. O terreno é preparado novamente para um novo plantio.

COLHEITA

No caso da variedade São Carlos, assim que é feita a colheita o produtor deixa no solo uma fileira de 5cm de grama que, no decorrer do ano vai formar o gramado. Já em relação à variedade Esmeralda, mesmo depois de arrancada, ela brota novamente através dos "cepinhos" que acabam ficando no campo.

A colheita da grama é feita com maquinário. Um implemento é usado no trator para cortar a grama na forma de placas. A mão-de-obra é usada para amontoar e carregar os caminhões fretados pela empresa e que vão levar a grama para as floriculturas e firmas construtoras. A cada alqueire, são colhidos 18 mil metros quadrados de grama, já que quatro mil acabam ficando nos filetes e dois mil são considerados refugos, diz seu Gabardo.

ADUBAÇÃO

Quanto à adubação, a Grameira Gabardo usa esterco de galinha ou uréia, de acordo com a necessidade. A uréia é aplicada uma vez por

mês - em torno de 15 sacos por alqueire. Se o produtor optar pelo esterco de galinha, a aplicação é feita a cada dois meses, colocando 75 m³ por alqueire.

Os tratamentos culturais não param por aí. Quando há ocorrência de ervas daninhas de folha redonda é preciso pulverizar a plantação com herbicidas. Se for de folha estreita, o produtor tem duas opções, segundo conselho do seu Gabardo. Ou ele roça a plantação e espera que o inverno mate o capim ou deixa que ele cresça bastante pulverizando, neste caso, em cima para não matar a grama que ficou embaixo. Também é preciso fazer o controle de pragas como cigarrinhas e lagartas. Com tanto tempo na atividade, o produtor sabe das coisas. Ele diz que quando começa a aparecer quero-quero na plantação é sinal de que as pragas estão partindo para o ataque. "Neste caso, é preciso fazer o controle com muito cuidado. Isto porque os quero-quero acabam ajudando o produtor e, além disso, é importante também preservar o meio ambiente", aconselha. (RN)

"A grama Gabardo está nos melhores estádios do Brasil"

A alegria do povo

Quando seu Gabardo começou a produzir grama, ele tinha apenas um trator. *Tobato e uma área de apenas um alqueire. Na época, existia em Curitiba apenas um produtor de grama, mesmo assim sem muita estrutura para trabalhar. Como havia muita procura de grama para jardins, tanto de floriculturas como particulares de São Paulo e Curitiba, seu Gabardo resolveu acreditar no novo negócio. No início, ele teve dificuldades que foram superadas com a ajuda de um agrônomo.*

Hoje a grama produzida pelo seu Gabardo vem sendo usada para reformar o estádio Couto Pereira em Curitiba, a Vila Belmiro, do Santos Futebol Clube, de São Paulo, além de outros estádios. Além disso, os gramados do estádio do Operário de Ponta Grossa e do União São João de Araras (SP) foram feitos com a produção da Grameira Gabardo. Com orgulho, os funcionários da Grameira costumam dizer que o gramado do União São João é um dos melhores do Brasil. (RN)



A grama é plantada a cada três anos.